

A Árvore Que Dava Olhos, de João Paulo Cotrim: a dignidade da Natureza

Carlos Nogueira*

RESUMO

Este artigo aborda as incidências ideológicas e ecológicas do discurso, ora irónico e satírico, ora meditativo e lírico, de uma árvore consciente da sua dignidade e do seu lugar no mundo.

A sabedoria da Natureza nunca esteve ausente da literatura destinada à infância e à juventude ou, com maior ou menor projecção entre as crianças e os adolescentes portugueses, de recepção infantil e juvenil. Estes universos literários, da poesia ao texto dramático ou do conto popular tradicional ao conto de autor (inspirado ou não na tradição oral, que nele é retomada e renovada), sempre nos apresentaram histórias de confrontos e encontros entre o ser humano e os animais, as árvores, as flores, as montanhas, as fontes, os mares, o céu e os astros. Na respiração desses mundos simbólicos e alegóricos, os jovens leitores, ouvintes ou (tele)espectadores aprendem que o Homem, separado embora de si mesmo e da Natureza, poderá ainda reencontrar o jardim do Éden que vive em si como promessa de redenção; e interiorizam que inúmeros seres humanos, perdidos em si mesmos e no mundo, esqueceram há muito que a verdade da Natureza que lhes foi revelada pela Literatura, oral e/ou escrita, é uma das poucas verdades autênticas que nos são oferecidas sem quaisquer custos ou encargos.

Mas a construção desse imaginário na e pela Natureza nunca como hoje foi tão enraizadamente ética e autoconsciente em tantos escritores porque nunca como agora foi tão necessária. A procura de uma cosmogonia pura na literatura dirigida aos mais novos contempla nos nossos dias tanto a salvação de cada um na Natureza como a salvação literal do planeta ou da natureza do planeta que é a nossa casa.

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.

A respiração da árvore no texto e no seu exterior é uma conciliação que a actual literatura para a infância e a juventude assume como essência da construção do ser do leitor e da reconstrução da Terra. No livro de João Paulo Cotrim *A Árvore Que Dava Olhos* (ilustrações de Maria Keil, Calendário, Vila Nova de Gaia, 2007), as três primeiras frases, as únicas da primeira página, anunciam uma revelação cujos referentes são enunciados no título. Mas essa participação não é comunicada ao leitor através de uma linguagem retumbante: é antes expressamente sugerida sem ser dita, acompanhando a apresentação simples, poética e irónica da árvore (cada um destes adjectivos aplica-se a uma das frases, respectivamente): «Sou uma árvore. Tenho raízes no coração da terra e ramos que fazem cócegas nas nuvens. Mas isso é o que fazem todas as árvores.»

Uma apresentação como esta significa já sublimar o que seria talvez para a maioria dos leitores, até ao encontro com este livro, invisível ou insignificante; e é portanto um modo de nomear sinodoicamente o paraíso na Terra. Recordemos que no início do *Génese*, no versículo 11 de «A criação do céu e da terra e de tudo o que neles se contém», Deus disse: «Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sobre a terra.» Deus, antes de formar o jardim do Éden e de nele fazer brotar «a árvore da vida», criou por conseguinte a vulgar árvore de fruto e «viu (...) que era bom».

Essa auto-elevação da árvore cumpre-se como insurreição de quem diz, ironicamente, provocatoriamente, «Sou apenas uma árvore no fundo do quintal» sabendo que é mais do que isso porque estabelece para si mesma uma relação criadora com o mundo que a rodeia. De uma árvore do fundo do quintal, desejadamente «calada e quieta», não se espera que veja o que vê nem que fale o que fala («Sou uma árvore no fundo do quintal, não posso ver o que vejo nem falar o que falo»). Há entretanto que dizer que esta árvore, como qualquer outra árvore, fica quieta a ver passar o tempo, veste-se de verde na Primavera, usa «o chapéu de folhas para inventar sombras que dançam no tronco»; mas – e nisto é já uma árvore única, que cria o seu paraíso na Terra – veste-se «de outras cores para saudar o mau tempo», fica «quase nua para apanhar melhor a água da chuva», bebe «sem parar», gosta «até do frio que o vento de Inverno» lhe traz e ouve «o vento frio falar da neve», que, infelizmente, nunca cai no seu quintal (daí a pergunta: «Fazia algum mal ao tempo ir espreitar outros lugares?»).

À consciência do milagre dessas metamorfoses acresce a experiência de um absoluto que nasce da inteligência e da imaginação. Esta árvore sóbria, lírica e bem-humorada, que apenas tem medo, «às vezes, de um raio», sabe que pode viver uma extraterritorialidade salvadora: «Sou uma árvore tão sossegada que posso bem planear viver num bosque pequenino ou numa floresta gigantesca.» **Indiferente à paisagem, que não pára de a mandar calar, esta árvore insubmissa decide construir o seu futuro começando por sugerir ao leitor que poderia viver um êxtase raro e total povoando a sua vida e a dos outros com a cor, o cheiro e as formas das flores e dos frutos mais incomuns: «Podia, um dia, oferecer flores, mas das que enfeitam os cactos no deserto. E, no outro, encher-me de malmequeres das altas montanhas ou nenúfares dos lagos escondidos.»** A palavra e os mundos que ela própria cria são assim o centro mais ardente desta árvore, que, habitante do seu círculo de criações únicas e fulgurantes, se resgata a si mesma do abismo da solidão e do tédio (e do que esperam dela, simples árvore do fundo do

jardim). Querer vestir-se «de maçãs com o tamanho de cerejas, dar uvas e amêndoas», alindar-se «com cenouras e pêssegos carecas», «deixar cair as folhas todas e riscar um céu inteiro», enchendo-o «de traços, mas cada um de sua cor como lápis de cera numa folha branca», é já viver a sobre-realidade anunciada nessas formulações e é já inventar um porvir em que ela se vê realizada.

O momento em que a árvore diz «Ou [podia] transformar-me no maior aeroporto do mundo para borboletas» é a transição para um fazer tão incomensurável como o enunciado atrás, mas já acompanhado da densidade dos mundos que povoam o imaginário infantil (e não só). O jovem leitor não ficará por certo indiferente a esta progressão para planos em que o mais feérico é o mais natural para uma árvore, votada à projecção de aventuras reais de fascinação mágica e lúdica com borboletas, lagartos, formigas, gatos, pássaros e crianças(-piratas e -bombeiros): «E se gritar aos quatro ventos que serei uma pista de corridas para lagartos? Quem chegar primeiro fica mais tempo perto do Sol»; ou: «Vou chamar as formigas para fazerem em mim uma cidade. Neste ramo um jardim, naquele uma escola. Ali um prédio grande e bonito, aqui uma praça para discutirem a vida.»

A realidade que este tipo de discurso cria decorre da inter-relação entre a inventividade imagética e alegórica e a força da ilocução. Daí o recurso a marcadores ilocutórios que instauram nesta parte do texto um evidente valor accional: «Está decidido: vou ser um farol de gatos.» Usa-se, nesta secção em que a árvore anuncia o seu mundo novo, não o pretérito imperfeito do indicativo com função de condicional, mas sobretudo a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo poder, por vezes com a função inequívoca de futuro do indicativo (que é preterido pelo presente, por não implicar tanto o leitor com o objectivo destes actos ilocutórios: o de fazer coincidir o conteúdo proposicional do enunciado – o estado de coisas do mundo pleno da árvore – com o universo de referência); e usa-se também, marcando o resolutivo propósito de concretizar a acção num tempo muito próximo, a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo ir seguida do infinitivo do verbo principal (vou+infinitivo), cuja consistência de acto ilocutório que combina a ordem do querer, do dizer e do fazer, na última passagem transcrita, é reforçada pela expressão verbal que a antecede. O sintagma «Está decidido» não compromete apenas o próprio locutor com o conteúdo dos enunciados que se seguem; ao contribuir para a tradução do estado psicológico da árvore, remetendo para uma necessidade que é orgânica e de *raiz*, facilita o aprofundamento da intersubjectividade que o texto persegue. A árvore, des-realizando o real através da palavra literária, recorre a actos de linguagem específicos que a apresentam em posição de poder engendrar a realidade. Desse modo, ela convoca o leitor para uma ordem ritual profundamente humana: a ordem ritual e relacional, de identidade e alteridade, que cada acto de fala desencadeia e que cada texto literário coloca a um nível ainda mais profundamente humano.

O processo que se desenvolve diante dos olhos do leitor-espectador, a quem é comunicada a interiorização e a transformação sem limites de um real cujo conteúdo é extraído da sua natureza imanente, cinética e pluridimensional, cria uma natureza inteira: aquela que é nomeada e (re)criada pela árvore, que também se (re)cria nesse poder e nessa posse. A mensagem desta árvore não se esgota na criação de mundos invulgares e sedutores pela escala e pela poética do maravilhoso que os estrutura. Isto

é: o leitor não terá apenas de reagir com deslumbramento ao apelo da imensidão dos universos mínimos habitados por uma árvore, animais pequenos e crianças aventureiras, atravessados por um maravilhoso que subverte as fronteiras do mais comum e quotidiano radicando-se contudo no mais natural: «Quando me cansar das garras, troco-as por asas»; «Quem me impede de virar tudo do avesso e plantar os ramos nas nuvens. Ou fazer com as raízes um céu debaixo da terra?» O humor discreto e contínuo, através do qual a árvore também contraria a seriedade e a monotonia da vida, é igualmente um sinal da sua inteligência e singularidade: «Posso ser carro de bombeiros, umas vezes vermelho, outras todo amarelo, e ir com os meus *amiguinhos que pulam* apagar incêndios, *que do fogo tenho medo*. Posso até ser avião e levar os *amiguinhos que gritam e pulam* para um país muito nas nuvens.»

Mas a raridade desta árvore, que, perto do final, se define, de novo ironicamente, declarando «Sou apenas uma árvore no fundo do quintal», prende-se ainda com o uso de uma ironia que é já indignação e sarcasmo irreduzíveis: «Uma árvore não ouve nem vê, não fala nem anda, por que raio há-de poder sentir? Uma árvore tem que ficar a ver o dia passar e depois a noite antes de um novo dia que vem antes de outra noite. E assim para sempre.» A descoberta do valor por excelência da árvore deve-se a uma equação que é sugerida como lição – inteligência aberta e perscrutante / ironia indignada e corrosiva –, cuja amplitude alegórica e intencionalidade didáctica estão patentes nos dois últimos andamentos: «Mesmo as árvores no fundo do quintal não são todas o mesmo. Vive muito em mim, talvez bocas e orelhas; por certo, olhos. Muitos olhos. Sou uma árvore que dá olhos, pois sou. É isso o que sou.»

Raridade da árvore, raridade do texto: o lirismo mais puro e lúdico, consubstancial desde o início à voz narrativa («Tenho raízes no coração da terra e ramos que fazem cócegas nas nuvens»), concilia-se com a ironia mais séria, o que faz deste discurso de descoberta e criação um manifesto de boa-fé e verdade. Um manifesto que não dissimula a ironia e o sarcasmo, mas que também não esconde a sua vocação lírica, reconhecendo-se nestes dois modos de expressão, de espírito e pensamento forças vitais do enunciador e do texto, unidos no mesmo esforço de compreensão e transformação dinâmica do mundo.

A árvore despede-se pois do leitor confirmando implicitamente a sua inscrição autoconsciente no universo dos mitos e relembrando ao mesmo tempo que não é apenas origem de uma visão renovada sobre as coisas: é também criação sublimada de si mesma e exemplo de superação de todos os constrangimentos. A última sequência condensa essa mensagem, prometendo a máxima libertação a quem ousar propor para si uma rara e desmedida ambição sonhadora: «Sou apenas uma árvore no fundo do quintal, mas sei que com os olhos se vai longe. Desde que estejam abertos, bem abertos.»